

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA

VALLESKA VIEIRA

**“ENTRE PRAZOS E AFETOS: UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA SOBRE OS
DESAFIOS PARA CONCLUSÃO DE CURSO DE UMA MÃE UNIVERSITÁRIA”**

UBERLÂNDIA

2026

VALLESKA VIEIRA

**“ENTRE PRAZOS E AFETOS: UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA SOBRE OS
DESAFIOS PARA CONCLUSÃO DE CURSO DE UMA MÃE UNIVERSITÁRIA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biologia da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de licenciada em
Ciências Biológicas.

Área de concentração: Ensino de Ciências e
Biologia

Orientadora: Dra. Diana Salles Sampaio

UBERLÂNDIA

2026

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui é a prova de que nenhum sonho se constrói sozinho. Este trabalho representa muito mais do que a conclusão de uma graduação; ele carrega anos de desafios, recomeços, aprendizados, lágrimas, esperança e, acima de tudo, amor.

Primeiramente, agradeço a Deus, que nunca me abandonou. Foi Ele quem sustentou minha fé, renovou minhas forças e me mostrou que ainda havia um caminho a seguir. Sua presença foi meu amparo nos dias difíceis e minha fonte de coragem para continuar quando tudo parecia impossível.

Aos meus pais, Silvania e João, agradeço por todo amor, dedicação e pelos inúmeros sacrifícios feitos ao longo da vida para que eu pudesse chegar até aqui, hoje, na posição de mãe, entendendo todo o esforço de vocês. Vocês me ensinaram a ser forte e me mostraram que independente da circunstância da vida sempre estariam ao meu lado. Tudo o que conquistei e conquisto na vida carrega um pouco de vocês, o amor que tenho por vocês é imensurável.

À minha irmã, Pollyanna, agradeço pelo apoio constante, pelo incentivo nos momentos de insegurança e por sempre acreditar que eu seria capaz de concluir esta caminhada, mesmo quando eu mesma duvidei. Sua presença foi um abraço silencioso nos momentos em que mais precisei.

À minha filha, Laura, dedico um agradecimento que as palavras jamais serão capazes de expressar por completo. Você é o maior presente que Deus me deu e o meu maior incentivo para querer sempre evoluir. Se hoje este trabalho existe, é porque você me ensinou o verdadeiro significado da perseverança. Você ressignificou meus sonhos e me mostrou que o amor é capaz de nos tornar mais fortes do que imaginamos. Este trabalho é, também, seu.

À minha amiga Janaína, agradeço pelo apoio, incentivo e amizade. Talvez você nem imagine a dimensão da importância que teve na minha caminhada, mas seu incentivo, sua presença e seu exemplo foram fundamentais para mim. Ver sua força diária, sua dedicação como mãe e sua determinação em seguir construindo seus sonhos sempre com um sorriso no rosto e com empatia pelos outros foi uma fonte constante de inspiração. Você me ensinou, mesmo sem perceber, que pequenos gestos de apoio podem se transformar em verdadeiras fortalezas.

À professora Diana, minha orientadora, deixo um agradecimento especial. Obrigada por confiar em mim quando eu mesma já não conseguia confiar e por permanecer ao meu lado nos momentos mais difíceis desta trajetória. Sua empatia, sensibilidade e humanidade fizeram toda a diferença para que este trabalho pudesse existir. Levarei para sempre a lembrança do

acolhimento e da confiança que recebi de você. “A vida, às vezes, nos apresenta pessoas que iluminam caminhos quando tudo parece escuro”, você foi essa pessoa para mim.

À professora Daniela Franco, minha sincera gratidão por ter me ajudado a encontrar o caminho quando eu estava perdida. Seu incentivo e suas palavras me deram o norte necessário para seguir em frente. Foi sua orientação que me ajudou a compreender que este trabalho precisava ter significado para mim, e essa percepção foi fundamental para que eu não desistisse da graduação.

À professora Francielle Amâncio, minha sincera gratidão por ter me acolhido e confiado em mim mais de uma vez ao longo desta trajetória. Obrigada por me receber com carinho e entusiasmo justamente quando eu chegava cercada de dúvidas e inseguranças. Em um momento em que eu acreditava não merecer, sua acolhida me devolveu o fôlego necessário para continuar.

Aos professores Tiago Amaral Sales e Suzane França, expressei minha sincera gratidão pela disponibilidade em compor a banca examinadora deste trabalho, pela leitura cuidadosa e pelas valiosas contribuições oferecidas durante sua avaliação.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, fizeram parte desta trajetória. Cada gesto de apoio, cada palavra de incentivo e cada demonstração de carinho contribuíram para que eu chegasse até este momento.

Concluir esta graduação é a realização de um sonho antigo. Mas, acima de tudo, é a prova de que a persistência, o amor, a fé e o apoio das pessoas certas podem nos conduzir até lugares que um dia pareciam inalcançáveis.

RESUMO

Este trabalho aborda os desafios enfrentados por uma mãe universitária para a permanência e conclusão do curso de graduação de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) a partir de uma narrativa autobiográfica. O texto tem como objetivo refletir sobre os impactos da maternidade na trajetória acadêmica, analisando os obstáculos, os significados atribuídos à conciliação entre a vida universitária e o exercício da maternidade e os fatores que permitiram a conclusão do Curso. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem narrativo-reflexiva e autobiográfica, fundamentada na escrita de um relato reflexivo e no diálogo com estudos sobre maternidade no Ensino Superior, permanência estudantil e políticas de apoio às estudantes mães. As reflexões deste trabalho apontam que a maternidade solo, associada às demandas do trabalho, às responsabilidades familiares e à ausência de políticas institucionais específicas, contribuiu para interrupções, reprovações, prolongamento do tempo de graduação e sentimentos de sobrecarga, culpa e insegurança. Ao mesmo tempo, a pesquisa demonstra que redes de apoio familiares, relações acolhedoras estabelecidas com colegas e professoras, bem como a ressignificação da própria experiência materna, foram elementos fundamentais para a continuidade da formação acadêmica. Além disso, a identificação com o tema investigado e a possibilidade de transformar a própria trajetória em objeto de reflexão e produção de conhecimento constituíram fatores decisivos para a conclusão deste trabalho e do curso de graduação. Conclui-se que a maternidade não constitui, por si só, um impedimento à permanência universitária, mas evidencia limitações estruturais da sociedade e das instituições de Ensino Superior no acolhimento das especificidades das estudantes mães. Espera-se que este estudo contribua para ampliar o debate sobre maternidade e Ensino Superior, incentivando a formulação de políticas institucionais que promovam maior inclusão, visibilidade e permanência acadêmica.

Palavras-chave: Desafios para permanência e conclusão de curso de graduação; Ensino Superior; Maternidade na graduação; Narrativa autobiográfica.

ABSTRACT

This work addresses the challenges faced by a university mother in maintaining and completing the Bachelor's degree in Biological Sciences at the Federal University of Uberlândia (UFU) through an autobiographical narrative. The text aims to reflect on the impacts of motherhood on the academic trajectory, analyzing the obstacles, the meanings attributed to the reconciliation between university life and the exercise of motherhood, and the factors that allowed the completion of the course. Methodologically, it is a qualitative research, with a narrative-reflective and autobiographical approach, based on the writing of a reflective account and the dialog with studies on motherhood in higher education, student retention, and support policies for student mothers. The reflections of this work point out that single motherhood, associated with work demands, family responsibilities, and the absence of specific institutional policies, contributed to interruptions, failures, prolonged graduation time, and feelings of overload, guilt, and insecurity. At the same time, the research demonstrates that family support networks, welcoming relationships established with colleagues and professors, as well as the re-signification of the maternal experience itself, were fundamental elements for the continuity of academic training. Moreover, the identification with the investigated theme and the possibility of transforming one's own trajectory into an object of reflection and knowledge production were decisive factors for the completion of this work and the undergraduate course. It is concluded that motherhood does not, by itself, constitute an impediment to university permanence, but rather highlights structural limitations of society and higher education institutions in accommodating the specific needs of student mothers. It is hoped that this study will contribute to expanding the debate on motherhood and higher education, encouraging the formulation of institutional policies that promote greater inclusion, visibility, and academic permanence.

Keywords: Challenges for staying and completing a higher education course; Higher Education; Motherhood in undergraduate studies; Autobiographical narrative.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	1
1.1 Trajetória pessoal -----	1
1.2 O surgimento desta proposta -----	5
2. OBJETIVOS -----	6
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA -----	7
3.1 Relatos de mães no Ensino Superior -----	7
3.2 Políticas públicas e apoio institucional -----	8
4. ABORDAGEM METODOLÓGICA -----	11
5. QUANDO A MATERNIDADE ATRAVESSA A UNIVERSIDADE -----	13
5.1 Gravidez -----	13
5.2 Com o bebê no colo -----	15
5.3 O reencontro com a pesquisa -----	18
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	20
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	22

1. INTRODUÇÃO

1.1 Trajetória Pessoal

Sou uma mãe universitária de 30 anos, nascida em Uberlândia no ano de 1996. Fui criada inicialmente por meus pais, que na época eram casados. Sempre fui uma criança curiosa e inteligente, com uma memória incomum: conseguia decorar roteiros de filmes quase inteiros mesmo após assisti-los apenas uma vez. Meus pais tinham uma locadora de videogames, onde os clientes pagavam por hora de uso. Foi nesse ambiente que aprendi a gostar dos jogos, já que eles também jogavam e me incentivavam desde cedo. Foi incrível crescer com pais com uma mentalidade aberta, tal fato foi, na minha opinião, um incentivo à curiosidade e ao aprendizado, visto que meus pais valorizavam o contato com diferentes formas de entretenimento e conhecimento. Eu sentia que as crianças a minha volta gostariam de ter pais como os meus e que eu era privilegiada em tê-los.

Iniciei minha vida escolar na pré-escola, hoje equivalente ao primeiro ano do Ensino Fundamental, em uma escolinha chamada Cantinho do Céu. Ali fiz meus primeiros amigos, muitos dos quais continuaram a estudar comigo ao longo dos anos seguintes. Logo depois, entrei no Ensino Fundamental, na primeira série da Escola Estadual Tubal Vilela da Silva (EETVS). Posso afirmar que, desde essa fase, desenvolvi uma verdadeira paixão pela escola. Apesar da pouca idade, já sabia que queria permanecer naquele ambiente. Meu encantamento pelo ambiente escolar estava profundamente relacionado ao caráter de descoberta que a escola representava para mim. Era um espaço em que tudo despertava minha curiosidade: os conteúdos, as atividades, as relações e as possibilidades de aprender algo novo a cada dia. Além disso, as novas amizades e o vínculo afetivo com os professores contribuíam para que eu me sentisse acolhida e pertencente àquele ambiente. Havia, portanto, um prazer genuíno em estar na escola, que não se limitava apenas ao ato de aprender, mas também às experiências e sentimentos que esse espaço me proporcionava.

No mesmo ano, meus pais decidiram buscar novas oportunidades fora do país e se mudaram para a Inglaterra. Eu e minha irmã mais velha, que tinha 14 anos, ficamos sob os cuidados da nossa avó paterna, que sofria de esclerose múltipla em estágio avançado e precisava da presença constante de uma cuidadora. Assim, morávamos eu, minha irmã, minha avó e a cuidadora. Meu avô e minha tia estavam sempre presentes, visitando-nos regularmente, e meus pais enviavam dinheiro para que nada nos faltasse. Contudo, acredito que esse período foi decisivo para que eu me aproximasse ainda mais da escola. Minha irmã estava em plena adolescência e não podia me dar tanta atenção, minha avó não tinha condições físicas de acompanhar minha rotina, e meus pais estavam ausentes.

Embora eu não tenha me sentido abandonada naquele período, ao revisitar essa experiência, reconheço que passei por sentimentos sutis e difíceis de nomear na época. Tratava-se de uma sensação de ausência que não se configurava como falta de afeto ou assistência, mas como a percepção de que algo essencial não estava plenamente presente no meu cotidiano. Em momentos específicos, como reuniões escolares ou atividades extracurriculares, eu sentia a ausência dos meus pais de forma mais evidente, ainda que compreendesse, mesmo que intuitivamente, as circunstâncias que motivaram essa distância. Ao mesmo tempo, eu não me sentia à vontade para expressar certos desejos, como participar de atividades que outras crianças da minha idade realizavam, o que revela que, apesar de estar amparada, havia limites na forma como eu acessava e comunicava minhas necessidades. O que reforçou o papel da escola como o espaço onde eu encontrava apoio, companhia e incentivo. Eu me comportava como uma aluna dedicada, obtinha boas notas e frequentemente auxiliava os professores em sala de aula.

Após dois anos e meio, meus pais retornaram ao Brasil, quando eu já estava na terceira série. Eles abriram uma pequena loja de videogames, tabacaria e eletrônicos, e voltamos a morar todos juntos, o que despertou em mim uma esperança renovada, como se a recomposição da nossa família sinalizasse um novo começo e a possibilidade de que tudo passaria a se organizar a partir daquele momento.

Foi nesse mesmo ano que tive uma professora chamada Gláucia, que considero fundamental para minha trajetória. Ela era uma educadora “fora do padrão”: buscava diferentes metodologias para tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas. Foi ela quem nos apresentou ao Projeto EmCantar, uma iniciativa cultural que unia arte e aprendizagem, com músicas voltadas para a natureza e para a vida no planeta. Esse contato despertou em mim o interesse pelas Ciências Biológicas. O que pode ter ocorrido devido a estratégias lúdicas e socioemocionais favorecerem uma aprendizagem significativa, já que promovem o engajamento dos estudantes (Sá Malta *et al.*, 2024). Ao final da terceira série, toda a turma já havia avançado muito com o projeto, e nossa devolutiva foi tão positiva que a professora Gláucia assumiu a quarta série no ano seguinte, permitindo que continuássemos no projeto por mais um ano. Guardo até hoje grande gratidão por essa oportunidade.

Quando ingressei na quinta série, precisei mudar para o turno da manhã, pois era o único oferecido na escola. Nessa época, após as aulas, almoçava em casa e voltava para a escola à tarde para ajudar a bibliotecária. Meus pais dedicavam grande parte do tempo ao trabalho na loja, o que fazia com que eu tivesse menos acompanhamento direto em casa neste período do dia. Nesse contexto, a escola era um espaço em que eu recebia maior atenção, estímulo e interação, por meio das atividades desenvolvidas e o contato com professores. Na sexta série, a

escola recebeu um novo professor de Ciências, o professor Cláudio, que implementou um projeto de revitalização do laboratório, até então pouco utilizado. A partir daí, passei a dividir minhas tardes entre a biblioteca e o laboratório, sempre buscando estar presente e me encantando cada vez mais pela Biologia.

Quase ao final da sétima série, enfrentei um obstáculo importante. Aos doze anos, sofri minha primeira crise convulsiva. Lembro-me apenas de estar à tarde em casa com duas amigas, realizando um trabalho escolar. Depois disso, só tenho os relatos: minhas amigas correram até a loja dos meus pais e chamaram minha mãe para me levar ao hospital. Após esse episódio, passei a ter crises convulsivas frequentes e fui diagnosticada com epilepsia. Essa fase foi muito difícil, pois o tratamento exigiu tentativa e erro com diferentes medicamentos até encontrar aquele que controlasse as crises. Acredito que eu não tinha maturidade suficiente para entender que a experimentação de medicamentos era uma fase necessária e isso me causou muito desgaste. As crises recorrentes também provocavam medo e vulnerabilidade, especialmente de que meus colegas descobrissem minha condição e se afastassem. Foi inevitável que descobrissem, mas o afastamento não ocorreu. Embora eu não tenha percebido mudanças significativas na minha forma de ser, meu cotidiano foi profundamente alterado, passando a ser marcado por frequentes idas a hospitais, consultas médicas e interrupções na rotina escolar.

Embora estudantes com epilepsia possam enfrentar dificuldades tanto cognitivas quanto sociais, devido às crises e aos efeitos dos medicamentos (Diaz, 2015), consegui manter um bom desempenho escolar até o fim do Ensino Fundamental, quando me despedi da escola que tanto amava para ingressar no Ensino Médio. Foi também nessa época que descobri uma nova paixão, a dança de rua. Inicialmente, o objetivo era apenas me apresentar no meu aniversário de quinze anos, mas logo o professor e coreógrafo, Alex, me indicou para o grupo Balé do Asfalto, onde tive a oportunidade de me desenvolver artisticamente.

No Ensino Médio, estudei na Escola Estadual Inácio Paes Leme (EEIPL). Fiz grandes amigos, mas ainda convivía com o medo de que descobrissem minha doença e se afastassem de mim, o que afetou minha confiança. Foi nesse período que tive as crises mais intensas, impactando minha frequência e rendimento escolar. Com o tempo, entretanto, meus colegas descobriram minha condição, e surpreendentemente nunca se afastaram. Apesar do apoio da comunidade escolar, tive uma experiência dolorosa com uma professora que afirmou que eu “só usava a minha doença quando me era conveniente”. Esse comentário me abalou profundamente, pois a escola sempre foi meu refúgio. Nesse período, foi na dança que encontrei um ponto de apoio emocional ainda mais forte.

Por volta dos 17 anos, fui atendida por um neurologista em Ribeirão Preto, considerado um dos melhores do país. Ele identificou o foco das minhas crises e prescreveu a medicação correta, estabilizando meu quadro. O médico alertou que os medicamentos poderiam comprometer minha fertilidade, e que a maternidade só seria possível após um tratamento longo e doloroso. Na época, a maternidade não fazia parte dos meus planos, então segui minha vida sem preocupações, apesar de nunca deixar de fazer um acompanhamento do meu quadro de saúde com um neurologista local.

Ao concluir o Ensino Médio, realizei a última etapa do Programa de Ação Afirmativa de Ingresso no Ensino Superior (PAAES) e fui aprovada com boa pontuação, ingressando na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) no curso que sonhava desde pequena, as Ciências Biológicas. Até então, minha experiência de trabalho estava vinculada ao auxílio nas atividades da loja dos meus pais; no entanto, ao ingressar no curso superior eu precisaria buscar um emprego formal, o que influenciou diretamente na escolha pelo curso noturno. Na ocasião, não conhecia a diferença entre licenciatura e bacharelado, mas optei pela licenciatura porque era a única modalidade oferecida neste turno, permitindo conciliar trabalho e estudos. Esse momento foi atravessado por sentimentos confusos: de um lado, a realização de ingressar em uma universidade pública e dar início a uma nova etapa acadêmica, de outro, a ansiedade diante das responsabilidades que se aproximavam e o receio de precisar me afastar do grupo de dança.

Meu grande dilema era que os ensaios do grupo de dança também aconteciam à noite, no mesmo horário das aulas. Cresci ouvindo que “dança não dá dinheiro e não leva ninguém a lugar nenhum”, então acabei priorizando a faculdade. Esse afastamento da dança abalou meu psicológico no início e, de certa forma, fez com que eu me distanciasse momentaneamente do entusiasmo que sentia pelo curso de Ciências Biológicas. Ao ser levada a abrir mão de uma atividade que representava uma parte importante da minha identidade, enfrentei um período de desmotivação, no entanto, com o passar do tempo e a permanência no curso, fui ressignificando essa escolha e aos poucos fui reencontrando o amor pela Biologia.

Alguns anos após o ingresso na Universidade, conheci o pai da minha filha e, após um breve namoro, descobri que estava grávida. O choque e a preocupação foram imediatos: como seguir com a responsabilidade de ser mãe? E como conciliar essa nova etapa com meus estudos? Além disso, iniciei minha gestação com uma preocupação a mais: a epilepsia. Antes mesmo de começar o pré-natal, procurei o neurologista que acompanhava meu caso havia anos, para saber como proceder. Nunca vou me esquecer da resposta dele quando perguntei se deveria interromper a gestação:

— “Não havia nada no seu organismo que favorecesse esse bebê estar aí, mas ainda assim ele está. É um milagre muito grande para que você rejeite! Deus o mandou para ser seu, então deixe-o aí.”

Fizemos alguns exames para avaliar qual medicação poderia ser utilizada, já que o remédio que eu tomava aumentava em 30% as chances de malformação fetal. Para nossa surpresa, os resultados indicaram que o foco das minhas crises parecia ter desaparecido, sem sinal de epilepsia. Diante disso, o médico decidiu não prescrever nenhum anticonvulsivante e prosseguir apenas com o acompanhamento, considerando tratar-se de uma gestação de risco.

Eu sabia que aquela gravidez era o meu milagre, mas não estava bem psicologicamente. Havia terminado recentemente o relacionamento com o pai da minha filha (havíamos encerrado o relacionamento cerca de uma semana antes da descoberta da gravidez) e, além das dificuldades emocionais que enfrentei nesse processo, carregava o peso da pressão social por ter engravidado sem me casar. A gestação não foi vivenciada apenas como uma mudança biológica, mas também como um enfrentamento simbólico. Cresci em um contexto familiar e religioso no qual a maternidade fora do casamento não fazia parte do projeto de vida esperado. Sou católica apostólica e sempre fui muito ativa na igreja, o que reforçava em mim padrões morais e sociais bastante rígidos. Além disso, carregava o receio da reação da minha mãe, por preocupações reais com estabilidade, trabalho e responsabilidade. Esses elementos não se configuraram como falta de apoio afetivo, mas como pressões que, naquele momento, intensificaram sentimentos de culpa, medo, insegurança e inadequação.

Foi nesse contexto que enfrentei a depressão, somada aos enjoos e vômitos constantes da gestação. Iniciei, então, uma nova fase, consultas quase diárias, divididas entre pré-natal comum, pré-natal de alto risco, neurologista, psicólogo e nutricionista. Ainda assim, perdi mais de 12 quilos nos três primeiros meses de gestação.

1.2- O surgimento desta proposta

A maternidade, embora seja uma experiência singular e repleta de significados, frequentemente se apresenta como um desafio quando vivenciada em paralelo à vida acadêmica. A sobreposição de papéis — mãe, estudante, profissional em formação e, muitas vezes, provedora — impõe às mulheres uma série de demandas que ultrapassam a esfera individual e revelam limitações sociais e institucionais no que se refere ao apoio à permanência estudantil.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema as dificuldades de permanência e, principalmente, de conclusão do curso de graduação, mais especificamente a

conclusão do TCC, por uma estudante universitária em condição de maternidade. A escolha desse tema não surgiu de forma imediata, mas foi construída ao longo da minha própria trajetória acadêmica, marcada por tentativas, interrupções e recomeços.

Em 2020, matriculei-me em TCC I, com o tema “A importância das instituições museais para o ensino-retorno de Biologia”. Com o início da pandemia de COVID-19, tornou-se necessário adaptar a proposta, buscando compreender como os museus estavam se reorganizando diante das novas condições impostas pelo contexto sanitário. No entanto, diante das mudanças abruptas na rotina, da instabilidade emocional e das demandas da maternidade, não consegui dar continuidade ao desenvolvimento do trabalho.

Com o fim da pandemia de COVID-19, em 2023, realizei uma nova matrícula em TCC I, desta vez com um tema diferente proposto pela mesma orientadora, “Reestruturação do Programa Municipal de Alfabetização de Jovens e Adultos (PMAJA)”. Entretanto, mais uma vez, não consegui avançar na construção do trabalho, sendo reprovada, em um contexto marcado pela sobrecarga entre trabalho, maternidade e responsabilidades cotidianas, que limitaram significativamente minha disponibilidade para a dedicação acadêmica.

Dessa forma, o tema do presente estudo surge em 2025, da necessidade de compreender uma trajetória atravessada por dificuldades reais de conclusão do curso de graduação. Ao mesmo tempo, busca-se refletir e dar visibilidade a uma realidade vivenciada por muitas mulheres, cujos percursos acadêmicos são impactados pela maternidade, frequentemente sem o suporte necessário para sua continuidade e conclusão.

Assim, a questão norteadora deste estudo são os principais desafios enfrentados por uma estudante universitária e mãe para conclusão do curso de graduação, e como ela os vivencia e ressignifica ao longo de sua trajetória. Ao discorrer sobre o assunto, discuto o encontro entre maternidade e vida acadêmica, com foco nos desafios dessa conciliação, e elaboro reflexões sobre os significados atribuídos a essa vivência.

2. OBJETIVOS

Como objetivo geral, busca-se ter uma reflexão teórica, por meio de uma narrativa reflexiva, de como a condição de maternidade impacta a trajetória acadêmica de uma estudante universitária. De forma específica, propõe-se refletir, ao longo da narrativa, sobre os desafios enfrentados para a conclusão do curso de graduação, compreender os significados atribuídos à experiência de ser mãe e acadêmica, e refletir sobre os caminhos que possibilitaram conciliar estes papéis a fim de concluir o curso.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Relatos de mães no Ensino Superior

Ao analisar diferentes estudos sobre a maternidade no Ensino Superior, foi possível perceber que, embora cada trajetória seja singular, muitas experiências se aproximam e revelam padrões comuns. Um dos aspectos mais recorrentes nas pesquisas é a sobreposição de responsabilidades. As mulheres que se tornam mães durante a graduação precisam conciliar, ao mesmo tempo, os estudos, o cuidado com os filhos, o trabalho e as demandas domésticas. Esse acúmulo de funções aparece como um dos principais fatores de desgaste físico e emocional, muitas vezes impactando diretamente o rendimento acadêmico e prolongando o tempo de conclusão do curso (Silvestre, 2019; Pessanha, 2023; Dario, 2023).

Outro ponto amplamente discutido na literatura é o impacto emocional da maternidade na vida acadêmica. Sentimentos como culpa, insegurança e medo aparecem de forma recorrente em relatos das estudantes (Vieira, 2018; Pessanha, 2023; Dario, 2023). Muitas mulheres relataram nesses trabalhos sentir culpa tanto por não conseguirem se dedicar integralmente aos estudos quanto por acreditarem não estar presentes o suficiente na vida dos filhos.

A situação enfrentada pelas mães universitárias deixa evidente a importância das redes de apoio para que possam exercer essa dupla função. Pesquisas como as de Nepomuceno e colaboradores (2024) e Dario (2023) mostram que o suporte de familiares, amigos e, em alguns casos, professores, é fundamental para a permanência dessas mulheres no Ensino Superior. Quando esse apoio existe, ele se torna um fator decisivo para que a estudante consiga continuar e concluir sua trajetória acadêmica.

Tendo em vista a exaustão, o impacto emocional e, muitas vezes, a ausência de redes de apoio, as políticas institucionais mostram-se fundamentais para que essas estudantes tenham a oportunidade de se graduar e exercer maternidade. Assim, diversos autores destacam a ausência dessas políticas como um dos principais obstáculos para a permanência dessas mulheres na universidade (Soares; Dias, 2018; Alves, 2019, Oliveira; Souza, 2020; Carvalho; Carvalho, 2024). São relatados a falta de creches universitárias, de flexibilização de prazos, de apoio psicológico e de acolhimento institucional como fatores que contribuem para que muitas estudantes interrompam ou abandonem seus cursos.

De modo geral, os estudos mostram que a maternidade na universidade ainda é vivenciada como um desafio que precisa ser enfrentado quase exclusivamente pelas próprias estudantes. Ao mesmo tempo, também evidenciam que essas mulheres desenvolvem estratégias de resistência, adaptação e permanência, demonstrando uma grande capacidade de resiliência diante das dificuldades. Carvalho e Carvalho (2024) ressaltam a importância de tornar visíveis

as experiências das mães universitárias, compreendendo seus relatos não apenas como narrativas individuais, mas como manifestações coletivas que evidenciam demandas historicamente pouco reconhecidas no espaço acadêmico.

3.2 Políticas públicas e apoio institucional

Ao analisar a maternidade no Ensino Superior no Brasil, observa-se que, embora existam dispositivos legais e políticas públicas voltadas à proteção da mulher e da maternidade, essas iniciativas ainda se mostram limitadas quando aplicadas à realidade específica das mães estudantes universitárias. De modo geral, há um descompasso entre o que está previsto em âmbito legal e o que é efetivamente vivenciado no cotidiano acadêmico.

No campo legal, um dos principais instrumentos que amparam estudantes gestantes é a Lei nº 6.202/1975, que garante o direito ao regime de exercícios domiciliares durante o período de gestação e puerpério. Essa legislação assegura que a estudante possa dar continuidade às suas atividades acadêmicas mesmo afastada fisicamente da instituição. No entanto, conforme apontam estudos sobre maternidade no Ensino Superior, a existência desse direito não garante sua efetiva aplicação, seja pela falta de informação das estudantes, seja pela ausência de orientação institucional (Silvestre, 2019; Pessanha, 2023).

Além disso, políticas mais amplas, como o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), representam um avanço importante ao prever auxílios voltados à permanência estudantil nas áreas de moradia, alimentação, transporte, atenção à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico (Brasil, 2010). Nessa perspectiva, Dutra e Santos (2017) defendem que a assistência estudantil deve ser compreendida como uma política pública voltada não apenas ao acesso ao ensino superior, mas também à garantia de condições efetivas de permanência e conclusão da formação. As autoras destacam que a assistência estudantil ultrapassa a concessão de benefícios financeiros, devendo contemplar as diferentes necessidades dos estudantes ao longo de sua trajetória acadêmica. Apesar disso, conforme discutem Oliveira e Souza (2020), tais políticas não são estruturadas especificamente para atender às demandas das mães universitárias. Embora o programa contemple o acesso à moradia estudantil, por exemplo, nem sempre as residências universitárias são planejadas para acolher estudantes acompanhadas de seus filhos, o que pode dificultar a permanência de mães que necessitam conciliar os estudos e os cuidados cotidianos com as crianças. Da mesma forma, os auxílios de transporte e alimentação contribuem para a permanência acadêmica do estudante, mas não necessariamente contemplam os custos e necessidades adicionais relacionados ao deslocamento e ao cuidado infantil. Quanto ao atendimento em creche, embora essa dimensão

esteja prevista no PNAES, os dados apontam que a oferta de creches universitárias ainda é limitada e desigual entre as instituições federais, permanecendo insuficiente para atender à demanda existente (Soares; Dias, 2018). Segundo levantamento da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), atualmente, das 69 universidades federais brasileiras, apenas 10 disponibilizam espaços físicos de creche, evidenciando que esse tipo de política institucional ainda é pouco difundido no ensino superior federal (Costa, 2025). Recentemente, foi publicado pelo Ministério da Educação o Relatório do Grupo de Trabalho da Política Nacional de Permanência Materna nas Instituições de Ensino Superior Brasileiras, documento que corrobora essa constatação ao reconhecer a insuficiência de estruturas institucionais de apoio às estudantes com filhos e recomendar a ampliação de creches universitárias, cuidotecas, espaços de acolhimento infantil e outras ações voltadas à permanência materna nas instituições de ensino superior (Brasil, 2026).

Nesse mesmo sentido, diferentes estudos destacam a importância da existência de ações mais direcionadas, como a oferta de creches universitárias. Soares e Dias (2018) apontam que a ausência desse tipo de suporte impacta diretamente a permanência das estudantes mães, especialmente daquelas que não possuem uma rede de apoio familiar consolidada. A falta de iniciativas institucionais voltadas à maternidade faz com que a responsabilidade pela conciliação entre estudos e cuidado com os filhos recaia quase exclusivamente sobre as próprias estudantes.

Outros avanços podem ser observados em políticas mais recentes, especialmente no âmbito da pós-graduação, como a criação do Programa Aurora, iniciativa destinada à continuidade da trajetória acadêmica de mães cientistas (Brasil, 2026). No entanto, as medidas ainda não são amplamente consolidadas na graduação, o que evidencia uma lacuna importante na garantia de direitos para mulheres que vivenciam a maternidade durante a formação inicial.

De modo geral, a literatura aponta que, mesmo com a existência de suporte institucional em nível nacional, sua efetividade depende diretamente da forma como são implementadas nas instituições de Ensino Superior. Nesse sentido, muitas universidades ainda não possuem diretrizes claras ou políticas específicas voltadas às estudantes mães, o que contribui para a permanência de desigualdades no acesso e na continuidade da formação acadêmica (Pessanha, 2023; Dario, 2023).

Ao considerar as especificidades da UFU, observa-se que essa realidade também está presente na Instituição. Embora a Universidade esteja inserida no contexto das políticas nacionais de assistência estudantil, PNAES, e ofereça auxílios que podem beneficiar

indiretamente estudantes com filhos, como mencionado acima, não há políticas institucionais específicas voltadas à maternidade na graduação.

Essa constatação não se limita a uma experiência individual, mas dialoga com o que a literatura tem apontado em nível nacional: a existência de políticas generalistas que não contemplam, de forma efetiva, as especificidades das estudantes mães. Assim, mesmo quando há algum suporte institucional, ele costuma ocorrer de maneira indireta, por meio de programas amplos de assistência estudantil direcionados à permanência universitária. Embora essas iniciativas possam contribuir para reduzir parte das dificuldades financeiras enfrentadas por estudantes com filhos, elas não são estruturadas especificamente para atender às demandas da maternidade, como a necessidade de flexibilização acadêmica, acolhimento durante a gestação e o puerpério, suporte psicológico direcionado ou espaços institucionais de cuidado infantil, aspectos frequentemente apontados por mães universitárias como fundamentais para sua permanência e bem-estar na universidade (Carvalho; Carvalho, 2024).

Ao longo da minha trajetória acadêmica, embora tenha tido acesso a algumas iniciativas institucionais que contribuíram para minha permanência na universidade, como a utilização do Restaurante Universitário, o acesso ao transporte Intercampi e a participação em um estágio remunerado na área de taxidermia durante a graduação, não tive conhecimento de políticas específicas voltadas ao acolhimento e à permanência de mães universitárias na graduação. Em diferentes momentos da minha formação, especialmente durante a gestação, o puerpério e os primeiros anos da maternidade, não houve acompanhamento institucional direcionado às dificuldades enfrentadas, tampouco orientações sistematizadas sobre direitos acadêmicos relacionados à maternidade.

Somente durante o processo de escrita deste trabalho, tomei conhecimento de algumas políticas institucionais da UFU voltadas ao apoio de estudantes com filhos. Entre elas, destaca-se a possibilidade de utilização do Restaurante Universitário por filhos de estudantes de até cinco anos de idade, na condição de visitantes, conforme previsto no Regimento Interno dos Restaurantes Universitários da instituição (Universidade Federal de Uberlândia, 2014). Além disso, a UFU instituiu, em 2024, o Programa Institucional de Creche (PICE), destinado à concessão de auxílio-creche para estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica com filhos de até cinco anos (Universidade Federal de Uberlândia, 2024). Esses auxílios não fizeram parte da minha trajetória acadêmica, uma vez que somente tive conhecimento deles após a defesa deste trabalho. No caso do Programa Institucional de Creche, sua instituição ocorreu quando minha filha já estava quase ultrapassando a faixa etária contemplada pela política, o que não me contemplaria. Quanto ao Restaurante Universitário, embora esse direito

já estivesse previsto, durante o período em que minha filha poderia utilizá-lo eu estava afastada da graduação e, por esse motivo, essa possibilidade não integrou minha experiência como estudante mãe. Ainda assim, conhecer essas iniciativas permitiu refletir não somente sobre a importância das políticas institucionais de permanência, mas, sobretudo, sobre a importância de sua ampla divulgação, para que estudantes mães tenham acesso às informações e possam usufruir dos benefícios disponíveis quando deles necessitarem.

Essa percepção dialoga com o que diferentes estudos apontam sobre as estudantes mães no Ensino Superior brasileiro não serem vistas. Muitas vezes, os suportes existentes dependem mais da sensibilidade individual de determinados servidores, professores e colegas do que da existência de políticas institucionais estruturadas (Pessanha, 2023; Dario, 2023). No meu percurso, por exemplo, o acolhimento recebido ocorreu principalmente por meio de relações interpessoais construídas com docentes, colegas e familiares que compreenderam minhas dificuldades e incentivaram minha permanência, especialmente nos momentos em que pensei em desistir da graduação.

Além disso, a dinâmica específica do curso de Ciências Biológicas também evidencia desafios particulares para estudantes mães. A carga horária extensa, a presença de atividades práticas em laboratório, aulas de campo e disciplinas ofertadas em horários pouco flexíveis tornam ainda mais complexa a conciliação entre maternidade, trabalho e vida acadêmica. Essas características exigem disponibilidade de tempo e deslocamento que nem sempre são compatíveis com a realidade de mulheres responsáveis pelo cuidado integral dos filhos e/ou provedoras do lar.

Dessa forma, pensar a permanência de mães universitárias no contexto da UFU e, especificamente, no Instituto de Biologia, implica reconhecer que o acesso ao Ensino Superior não garante, por si só, condições efetivas de permanência e conclusão do curso. Mais do que auxílios financeiros, faz-se necessária a construção de medidas de acolhimento que considerem as especificidades da maternidade na graduação, promovendo flexibilização acadêmica e maior visibilidade às experiências de estudantes mães dentro da universidade.

4. ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa possui caráter qualitativo, com abordagem narrativo-reflexiva e autobiográfica. A narrativa autobiográfica possibilita integrar a vivência pessoal à investigação acadêmica, funcionando simultaneamente como fonte e método de pesquisa (Marques; Satriano, 2017). Aqui, relato e faço uma reflexão acerca da minha própria trajetória, em diálogo com a literatura acadêmica e com as demandas sociais que atravessam a vida de mães

universitárias. Nesse sentido, a escrita autobiográfica torna-se não apenas uma ferramenta de investigação, mas também de ressignificação da experiência vivida, pois “assume o lugar de mediação entre experiências e saberes, permitindo que o pesquisador se insira como sujeito na produção de conhecimento” (Santos; Fouraux; Oliveira, 2019, p. 45).

A pesquisa narrativa compreende a experiência como um fenômeno essencialmente narrativo, uma vez que “a experiência acontece narrativamente” (Mariani; Mattos, 2012). Segundo esses autores, a investigação se estrutura a partir da tridimensionalidade da experiência, articulando os eixos da temporalidade (continuidade), da interação (aspectos pessoais e sociais) e da situação (os contextos e lugares onde a experiência ocorre). Assim, narrar não se restringe à descrição de acontecimentos, mas constitui um processo dinâmico de viver, contar, reviver e recontar histórias, permitindo que o sujeito atribua sentidos às próprias vivências ao longo do tempo (Mariani; Mattos, 2012).

Essa abordagem compreende que o pesquisador não ocupa uma posição externa ao objeto investigado, mas se insere como parte constitutiva da pesquisa, reconhecendo sua centralidade na produção do conhecimento (Mariani; Mattos, 2012). Desse modo, a investigação narrativa busca compreender a vida como ela é vivida, refletindo sobre experiências que, muitas vezes, são naturalizadas no cotidiano. O processo investigativo envolve, portanto, a construção de textos de campo, entendidos como representações interpretativas e seletivas das experiências vividas, possibilitando uma espécie de “arqueologia da memória e do significado” (Mariani; Mattos, 2012).

Nessa perspectiva, a pesquisa autobiográfica também pode ser compreendida como um ato político, pois conforme discute Abrahão (2024), a pesquisa autobiográfica configura-se como um movimento de insubordinação epistemológica, ao valorizar vozes, trajetórias e saberes historicamente marginalizados. Ao narrar experiências frequentemente invisibilizadas pelos discursos acadêmicos tradicionais, o pesquisador rompe com a lógica de neutralidade e reconhece o conhecimento produzido a partir da experiência vivida como legítimo.

Ao dialogar com essa perspectiva, este estudo configura-se como um exercício de reflexão teórica a partir da experiência vivida, no qual a narrativa autobiográfica não apenas apresenta uma trajetória pessoal, mas também permite sua ressignificação. Conforme aponta Maria Isabel da Cunha (1997), trabalhar com narrativas implica estabelecer uma relação dialógica entre sujeito e experiência, em que narrar e refletir tornam-se processos indissociáveis na construção do conhecimento.

5. QUANDO A MATERNIDADE ATRAVESSA A UNIVERSIDADE

5.1-Gravidez

A vivência simultânea da maternidade e da vida acadêmica, ao longo da minha trajetória, não ocorreu de forma linear ou estável, mas foi marcada por interrupções, retomadas, mudanças de rota e um constante esforço de adaptação. Descobri a minha gravidez no início de 2019, quando já estava no décimo primeiro período da graduação. Isso mesmo, décimo primeiro. Nos primeiros anos deixei de cursar muitas disciplinas pois, ao ter que desistir da dança eu desencadeei um conflito interno, fazendo com que eu entrasse, por um período, em estado de negação em relação a própria faculdade, o que afetou minha capacidade de me dedicar ao curso como seria necessário naquele momento. Quando decidi correr atrás do tempo perdido, meu percurso estava atrasado em relação à grade curricular prevista. A descoberta da gravidez aconteceu quando eu estava matriculada em cinco disciplinas da graduação (Parasitologia, Métodos de Estudo em Biologia Vegetal, Sistemática de Fanerógamas, Fisiologia Vegetal e Bioquímica), compondo uma rotina acadêmica intensa e exigente. Esse contexto acadêmico, somado às expectativas pessoais, familiares e sociais que envolvem a maternidade, provocou um abalo emocional profundo.

Acontece que uma gravidez e tudo que ela acarreta, tanto física quanto psicologicamente, não é previsto, tampouco compreendido, pela estrutura de um curso de graduação. Pesquisas apontam que a experiência da gestação durante a vida universitária costuma ser permeada por estresse, dificuldades emocionais e ausência de suporte institucional adequado (Silva; Souza, 2025), realidade que também me marcou, ao vivenciar simultaneamente desafios relacionados à minha saúde, a gravidez após o término do relacionamento e a um quadro de depressão.

Nesse cenário, a vida acadêmica tornou-se secundária diante da necessidade de sobrevivência física e emocional, eu não conseguia sequer estudar. Naquele período (2019/1), com toda essa confusão que estava acontecendo na minha vida, fui reprovada por frequência em três disciplinas (Parasitologia, Métodos de Estudo em Biologia Vegetal e Bioquímica). Eu já não tinha a mesma frequência nas aulas, estava visivelmente mal e, àquela altura, ninguém do meio acadêmico sequer questionou se eu precisava de algum tipo de apoio ou se interessou em saber o que estava acontecendo. Nessa fase, eu pensava em desistir da graduação todos os dias; será que uma mulher em condição de maternidade não tem o direito à formação acadêmica? A falta de políticas de apoio específicas fragiliza a permanência estudantil de mães universitárias, levando à evasão ou à ampliação do tempo de conclusão do curso (Silva; Souza, 2025). E aí inicia nossa reflexão: não existe um suporte acadêmico para uma gestação, não é

sequer discutida dentro da universidade a situação das mulheres que passam por isso enquanto estão na graduação.

O impacto emocional da maternidade na vida acadêmica foi marcante. Ao pensar em desistir da graduação, não era por falta de interesse ou capacidade, mas por não conseguir lidar com o cansaço, a pressão e o sentimento constante de insuficiência. Essa experiência evidenciou o quanto a estrutura acadêmica pouco dialoga com as especificidades da maternidade e da saúde mental, tratando o estudante como um sujeito universal, desvinculado de suas condições reais de vida, indo na contramão do que é defendido por Biscaro e Crespi (2025, p.5)

...evidencia-se que, para garantir o direito de todos à educação, é necessário reconhecer e respeitar a individualidade, compreendendo as necessidades, potencialidades e motivações dos/as alunos/as, valorizando, assim, a diversidade existente em todos os espaços.

Mas eu não podia deixar que o meu milagre fosse um fardo, jamais. Coloquei na minha cabeça que não desistiria dos meus sonhos e, mesmo com todas as dificuldades, tentaria seguir com a graduação. No segundo semestre de 2019, a fase inicial e mais difícil da gestação havia passado. Deixei de ter contato com o pai da minha filha para restabelecer o meu psicológico, já estava ganhando peso aos poucos e os enjoos cessaram. Após o terceiro mês de gestação, refiz os exames e recebi o laudo de cura da epilepsia (depois de 12 anos com medicação controlada). Isso mesmo, a gestação me curou.

Neste período, consegui reorganizar minimamente minha rotina. Foi nesse momento que tomei uma decisão que se tornaria central na minha trajetória: não permitir que a maternidade fosse interpretada, por mim ou pelos outros, como o fim dos meus sonhos acadêmicos. A história da minha mãe, que sempre quis se formar e algumas vezes comentou que a vida seguiu outro caminho por causa da família, que se casou e teve filhas, muitas vezes me fez sentir uma espécie de culpa por ela não ter seguido adiante com o sonho, o que também exerceu forte influência nesse processo. Desejei, conscientemente, que minha filha crescesse sabendo que nunca foi um impedimento, mas sim uma força motivadora para minha persistência. Esse aspecto da maternidade como força motivadora, muitas vezes negligenciado nas discussões acadêmicas, tem sido cada vez mais reconhecido como um elemento que pode fortalecer processos de resistência, resiliência e permanência de mulheres-mães no Ensino Superior (Alves, 2019).

Retornei à universidade em 2019/2, desisti de cursar a disciplina optativa Métodos de Estudo em Biologia Vegetal e me matriculei novamente em disciplinas obrigatórias que havia

reprovado anteriormente (Parasitologia e Bioquímica), mesmo sabendo que daria à luz antes do final do semestre e frequentando as aulas até a véspera do parto. Foi quando conheci Janaína, colega da disciplina de Parasitologia e mãe de dois filhos, que se tornou minha grande amiga. Ela me entendia e me mostrava que era possível estar no meio acadêmico e ser mãe ao mesmo tempo. Em meio ao caos, foi o apoio que me ajudou a chegar até o fim do período sem desistir. O suporte social de colegas e familiares é reconhecido como um fator crucial para a resiliência e permanência escolar de estudantes universitários, especialmente aqueles enfrentando desafios socioeconômicos e culturais (Dario, 2023, Nepomuceno *et al.* 2024, Gussi Júnior; Resende; Ferreira, 2025), e, na minha experiência, esse apoio fez toda a diferença. Tive momentos em que o suporte de pessoas específicas, como minha família e algumas professoras, foi essencial para que eu não desistisse completamente. Ainda assim, percebo que esse apoio ocorreu de forma individual e não como parte de uma estrutura institucional organizada.

5.2- Com o bebê no colo

Com o nascimento da minha filha em sete de novembro de 2019, solicitei regime especial para a conclusão das disciplinas, restavam apenas algumas aulas e avaliações finais, e consegui obter aprovação, mesmo com limitações impostas pela modalidade remota, como a impossibilidade de realizar atividades práticas. Esse momento representou uma importante conquista simbólica: apesar de todas as dificuldades, eu ainda era capaz de permanecer no espaço acadêmico. A Laura não foi a minha cura apenas para a epilepsia, mas também para a depressão. Ela veio para que eu pudesse enxergar com clareza a beleza do mundo, e foi aí que tive a certeza de que não poderia abandonar meus sonhos.

À essa altura faltavam apenas 2 disciplinas obrigatórias (Genética e Evolução) e o TCC I, II e III para concluir minha graduação. Entretanto, o início de 2020 trouxe novos desafios. A pandemia de Covid-19 instaurou um cenário de medo, instabilidade econômica e isolamento social. Como mãe solo, trabalhadora informal (atuava vendendo quitandas de porta em porta, atividade que se tornou inviável com o fechamento do comércio e as medidas de isolamento social) e responsável por uma bebê recém-nascida, vivi um período de extrema exaustão. Em diversos momentos, eu me vi completamente sobrecarregada, tentando dar conta de tudo ao mesmo tempo e, ainda assim, com a sensação constante de que não estava conseguindo cumprir nenhum desses papéis da forma que gostaria. Essa percepção vai ao encontro das experiências relatadas por outras mães universitárias, de que a dificuldade não estava apenas em estudar, mas em encontrar condições reais para isso (Silvestre, 2019; Pessanha, 2023; Dario, 2023).

Ainda assim, me matriculei em Genética e no TCC I, inicialmente com o tema “A importância das instituições museais para o ensino-retorno Biologia”. Consegui concluir a disciplina de Genética, mas não obtive aproveitamento no TCC, mesmo tentando fazer uma adequação no tema para verificar como os museus estavam se adequando às condições da pandemia. A escrita acadêmica exigia uma disponibilidade emocional e cognitiva que eu simplesmente não possuía naquele momento. O cuidado integral com minha filha, a insegurança financeira e a ausência de políticas institucionais voltadas para mães estudantes tornaram inviável a continuidade da produção acadêmica.

Durante todo o período em que enfrentei as maiores dificuldades — gravidez, puerpério e primeiros anos da minha filha — não houve nenhum tipo de acompanhamento institucional ou apoio direcionado à minha condição, marcando minha trajetória, como a de muitas outras mães universitárias. Em muitos momentos, tive a sensação de que a universidade simplesmente não estava preparada para lidar com a realidade de estudantes mães.

Buscando garantir o sustento da minha filha, nesta época, passei a trabalhar com a produção artesanal de pufes com a minha mãe, atividade realizada em casa, conciliando trabalho, cuidados maternos e tarefas domésticas. Insisti em uma nova tentativa de matrícula no TCC I e na última disciplina obrigatória, Evolução, no segundo semestre de 2020, mantendo o mesmo tema inicial do trabalho. Fui aprovada na disciplina de evolução, porém não consegui avançar na escrita do TCC. A sobrecarga física e mental se intensificou, e sentimentos de incapacidade passaram a me acompanhar, reforçados por discursos sociais que associam a maternidade à renúncia de projetos pessoais e acadêmicos. Dentro da própria universidade ouvi de uma professora a frase “coitada, acabou com a vida dela”. A literatura evidencia que a relação estabelecida entre professores e estudantes pode exercer influência significativa sobre aspectos emocionais, motivacionais e sobre a própria permanência acadêmica, podendo atuar tanto como fator de fortalecimento quanto de vulnerabilização dos estudantes (Souza; Tontini, 2023). Embora em diversos momentos, eu tenha internalizado as narrativas que reforçavam a ideia de que ser mãe significava abdicar de outros papéis, chegando a acreditar que não conseguiria mais ocupar o lugar de estudante ou pesquisadora, não, a minha filha não acabou com a minha vida, ela me trouxe de volta à vida.

Em 2021, com minha filha já um pouco maior (1 ano e 4 meses), consegui uma vaga para ela em período integral em uma escola infantil e iniciei um trabalho formal como estoquista em um centro de distribuição. A nova rotina, embora inicialmente parecesse uma conquista, revelou-se extremamente exaustiva. As longas jornadas, o trabalho físico intenso e o deslocamento diário por meio de transporte público comprometeram ainda mais minha energia.

Chegava em casa à noite completamente exausta, sentindo culpa por não conseguir oferecer à minha filha a atenção que ela solicitava, pois frequentemente verbalizava pedidos de atenção, como “Mamãe, me dá uma atenção” e “Mamãe, a senhora está dormindo” o que impactou profundamente meu estado emocional.

Diante desse cenário, abandonei a universidade durante dois anos, 2021 e 2022. O afastamento do curso ocorreu de forma silenciosa, sem trancamento formal ou acompanhamento institucional. Durante estes anos, não fui questionada sobre os motivos de nem sequer ter renovado o vínculo com a UFU, o que reforçou a sensação de invisibilidade das mães no espaço acadêmico. A evasão ou interrupção da trajetória acadêmica relacionada à maternidade ainda é pouco discutida e insuficientemente sistematizada nas instituições de Ensino Superior, contribuindo para a invisibilidade das experiências de estudantes mães (Pessanha, 2023; Dario, 2023; Pereira; Barroso, 2025). Nesses anos, minha prioridade foi trabalhar e criar minha filha. Questionei mais uma vez se ainda havia espaço, na universidade, para uma mulher que era, antes de tudo, mãe.

Em 2023, ao conseguir um emprego considerado mais estável, em uma imobiliária, enxerguei essa mudança como uma última tentativa de retomar a graduação. Acreditei que, com uma rotina teoricamente mais leve e minha filha um pouco maior, conseguiria avançar no TCC. Procurei novamente minha orientadora, com vergonha e sem acreditar que houvesse justificativa plausível para meu abandono. Apesar do preconceito que mães solo frequentemente enfrentam, e das falas recorrentes de que “gravidez não é doença e filho não é desculpa”, a professora aceitou me orientar e se mostrou empolgada com meu retorno, dando-me forças para reiniciar a trajetória acadêmica.

No primeiro semestre de 2023, me matriculei com a ideia de desenvolver um outro tema proposto pela minha orientadora, desta vez eu escreveria sobre a “Reestruturação do Programa Municipal de Alfabetização de Jovens e Adultos (PMAJA)”. No entanto, mesmo com essas mudanças, a escrita acadêmica continuou sendo um desafio, e desta vez, fui reprovada sem nota. Esse fracasso reforçou o sentimento de frustração, me culpei, pois, mesmo com a vida um pouco mais tranquila ainda não consegui, eu continuava com todas as responsabilidades da maternidade e uma longa jornada de trabalho. Então, resolvi ir atrás de outro sonho, me dediquei em tirar a carteira de motorista, o que ao menos poderia facilitar a minha vida como mãe.

No segundo semestre de 2023, não renovei o vínculo com a Universidade mais uma vez. Então, fui notificada pela UFU, no primeiro semestre de 2024, que se eu não retornasse para concluir o meu curso eu perderia todo o caminho percorrido. Me desesperei, passou um filme na minha cabeça de todas as dificuldades e todo o conhecimento que eu já havia conquistado

na minha graduação. Somente após esta notificação sobre a possibilidade de perda definitiva do vínculo acadêmico é que retomei o curso, em 2024. Esse retorno foi acompanhado de medo, ansiedade e esperança. Busquei apoio, retomei o contato com a minha antiga orientadora e encontrei acolhimento nela mais uma vez, ao saber que estava disposta a permanecer comigo e compreender minha trajetória. Essas trocas, aliadas a conquistas pessoais como a aquisição de um veículo e a reorganização da rotina, fortaleceram minha decisão de persistir.

5.3- O reencontro com a pesquisa

No segundo semestre de 2024, me matriculei novamente no TCC I, mantendo o mesmo tema e peguei mais 2 disciplinas optativas (acreditando que se eu me forçasse a estar no meio acadêmico eu poderia me dedicar mais à faculdade). Uma das optativas era Metodologia de Pesquisa, na qual a professora me deu a dica que meu trabalho poderia ser uma construção muito mais agradável caso escrevesse sobre um tema que falasse mais sobre mim e sobre algo que me “enchesse os olhos” e disse que isso acontecia quando eu mencionava a minha filha, e foi a partir desta conversa que decidi falar sobre a maternidade. Consegui passar nas optativas e, àquele tempo, tentei mudar o tema do meu TCC, mas já havia perdido muito tempo do período me esgotando com um tema que não me despertava o interesse necessário, e mais uma vez não tive aproveitamento.

Ao início do primeiro semestre de 2025, já decidida a escrever sobre a minha trajetória como mãe universitária, dei continuidade à produção do trabalho. No entanto, mais uma vez, não obtive aproveitamento. Acredito que esse resultado esteja diretamente relacionado a uma série de dificuldades pessoais que se acumularam nesse período: enfrentei diversos desencontros com a minha orientadora, precisei lidar com questões judiciais envolvendo o pai da minha filha, devido ao não pagamento da pensão por um longo período, além de imprevistos como um acidente de carro, que também impactou muito minha rotina e meu emocional. Tudo isso contribuiu para que, mesmo com a intenção de seguir, eu não conseguisse avançar como gostaria.

No segundo semestre de 2025, novos desafios surgiram. Minha orientadora, até então responsável pelo meu acompanhamento, passou por questões pessoais e precisou reduzir o número de orientandos, se desligando da orientação do meu TCC. Esse momento me deixou muito insegura, pois eu não mantinha proximidade com outros professores e temi não encontrar alguém disposto a me orientar, especialmente considerando que havia decidido mudar completamente o direcionamento do trabalho para uma proposta narrativo-reflexiva.

Foi nesse contexto que retomei contato com a professora Diana que havia sido minha professora em 2015. Mesmo após tantos anos, ela se mostrou aberta e acolhedora, aceitando o desafio de me orientar em parceria com uma coorientadora da Faculdade de Educação (FACED), que possuía maior experiência com trabalhos nessa abordagem e metodologia, o que trouxe um novo fôlego para o desenvolvimento do TCC. No entanto, já próximo ao final do período, a coorientadora que nos acompanhava decidiu se desligar do trabalho, por compreender que o texto ainda não se configurava, em sua avaliação, como um relato que demonstrasse as dificuldades enfrentadas por uma mãe universitária, mas como uma narrativa mais próxima de uma biografia. Esse momento poderia ter representado mais uma ruptura na minha trajetória, mas, dessa vez, foi diferente, minha orientadora decidiu permanecer comigo, acreditando no potencial do trabalho e entendendo que eu poderia me graduar.

Com esse apoio, consegui avançar e, ao final do período, fui aprovada no TCC I. Atualmente, em 2026/1, seis anos após me matricular pela primeira vez no TCC I (a idade da minha filha atualmente), sigo sob a orientação da professora Diana, em TCC II, e conto também com o apoio de outra docente, a professora Daniela, a mesma que, anteriormente, havia me incentivado a escolher um tema que realmente me mobilizasse. Foi a partir desse incentivo que encontrei, na minha própria trajetória como mãe universitária, o sentido necessário para finalmente conseguir construir e concluir este trabalho. Nesse sentido, Deci e Ryan (2000) destacam que atividades percebidas como significativas tendem a favorecer a motivação intrínseca, promovendo maior envolvimento e interesse durante sua realização.

Além disso, a permanência da professora Diana ao longo desse processo foi fundamental para que eu retomasse o fôlego necessário para concluir uma etapa que, por muitos anos, pareceu distante. Em um percurso marcado por interrupções, inseguranças e sucessivas tentativas de recomeço, sua disponibilidade em acolher minha trajetória e respeitar meu tempo de elaboração contribuiu significativamente para que eu permanecesse vinculada ao trabalho e pudesse vislumbrar, novamente, a possibilidade concreta de conclusão da graduação. Assim como ocorreu em outros momentos da minha trajetória acadêmica, os apoios individuais mostraram-se importantes para o desenvolvimento deste trabalho e para a minha permanência na universidade.

Ao revisitar toda essa trajetória, compreendo que a maternidade não me tornou menos capaz academicamente, mas evidenciou as fragilidades de um sistema que não considera as múltiplas dimensões da vida das estudantes. Os fatores que contribuíram para que eu permanecesse na universidade, como a insistência, a reorganização constante da rotina, o apoio familiar, o suporte recebido de algumas docentes ao longo do percurso e a escolha do tema que

mobilizaria, partiram de ações isoladas e individuais, não estando relacionadas a políticas institucionais estruturadas.

Ainda que eu mesma siga descobrindo quais caminhos desejo trilhar após a graduação, durante muito tempo, sonhei em atuar como perita criminal, mas as experiências vividas ao longo desse percurso também ampliaram minha forma de enxergar a profissão docente e o processo educativo. A maternidade ampliou minha empatia, minha sensibilidade e minha compreensão sobre os diferentes tempos e contextos de aprendizagem. Essa compreensão dialoga com Sales e Silva (2025), que defendem que tornar-se docente é um processo constituído nos emaranhados da vida, em que as experiências pessoais e profissionais se entrelaçam continuamente na construção da identidade docente. Nesse sentido, minha vivência como mãe universitária passou a integrar também a forma como compreendo a educação, o acolhimento e a prática docente. Por isso, hoje, consigo me imaginar nesse lugar, não apenas como profissional, mas como alguém que compreende, a partir da própria vivência, a importância do acolhimento e da sensibilidade nos processos educativos. Como futura docente, possibilidade que hoje também consigo vislumbrar para minha trajetória profissional, reconheço, a importância de uma educação que acolha o sujeito em sua totalidade, considerando suas vivências, limites e potencialidades.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar e narrar minha própria trajetória e realizar uma reflexão teórica sobre a mesma, foi possível identificar não apenas os obstáculos enfrentados ao longo do percurso, mas também os caminhos que possibilitaram a permanência e a conclusão da formação acadêmica. Entre os principais desafios estiveram a sobrecarga decorrente da conciliação entre maternidade, trabalho e estudos, a ausência de acolhimento institucional direcionado às estudantes mães e, a dificuldade de encontrar sentido e identificação com os temas anteriormente propostos para o TCC. A reflexão sobre essa trajetória também permitiu compreender que ser mãe e acadêmica significa vivenciar tensões frequentemente marcadas pela invisibilidade, pelo sentimento de culpa e pela constante necessidade de reafirmar a própria capacidade de ocupar o espaço universitário. Por outro lado, tornou-se evidente que a permanência e a conclusão do curso foram favorecidas pela existência de redes de apoio constituídas por familiares, colegas e docentes, bem como pela possibilidade de desenvolver a pesquisa sobre um tema que me mobilizava pessoal e academicamente, o incentivo necessário para retomar a escrita e concluir este trabalho.

Desenvolver uma pesquisa atravessada pelas minhas próprias vivências e interesses tornou o processo de escrita mais significativo, motivador e possível dentro da minha realidade. Nesse sentido, estudos sobre motivação intrínseca apontam que o envolvimento com temas que despertam identificação pessoal favorece o engajamento, a persistência e a produção de sentidos no processo de aprendizagem e formação acadêmica (Deci; Ryan, 2000). Assim, a escrita deste trabalho deixou de representar apenas uma exigência institucional e passou a constituir também um espaço de elaboração e ressignificação da minha trajetória.

A narrativa autobiográfica, embora muitas vezes dolorosa por exigir o retorno a experiências marcadas por inseguranças e medos, permitiu revisitar esses acontecimentos sob uma nova perspectiva. Ao organizar lembranças, refletir sobre sentimentos e dialogar com a literatura, compreendi que muitas das dificuldades que, durante anos, atribuí exclusivamente a mim eram compartilhadas com inúmeras estudantes mães. Essa compreensão ampliou minha forma de enxergar a própria história e possibilitou ressignificar experiências que antes eram percebidas apenas como fracassos ou limitações pessoais. Ao longo da escrita, tornou-se cada vez mais claro que narrar não significava apenas recordar acontecimentos, mas compreender seus significados. Embora não se trate de um processo terapêutico, revisitar minha história sob o olhar da pesquisa permitiu acolher experiências que, por muito tempo, foram compreendidas apenas a partir da dor, da culpa ou da sensação de fracasso.

A escrita me fez perceber que a maternidade, embora tenha imposto grandes desafios, revelou-se uma experiência profundamente formadora. A necessidade de conciliar estudos, trabalho e cuidados maternos exigiu o desenvolvimento de habilidades como organização do tempo, planejamento, resiliência emocional e tomada de decisões constantes. Nesse processo, sentimentos como culpa, sobrecarga e insegurança foram sendo ressignificados. A maternidade me ensinou que aprender e ensinar não são processos lineares, homogêneos ou desvinculados da vida, mas experiências atravessadas por contextos, afetos, limites e condições concretas de existência. A experiência da maternidade se configurou como um elemento constitutivo da trajetória acadêmica, que ampliou minha percepção sobre as desigualdades vivenciadas por mulheres no contexto universitário e sobre a necessidade de reconhecer os diferentes tempos e modos de aprender no ambiente educacional.

Por outro lado, ficou claro que a ausência de políticas acadêmicas sistematizadas voltadas à maternidade tornou a trajetória mais desgastante e solitária. A falta de flexibilização, de ações específicas direcionadas a estudantes mães e, principalmente, de acolhimento institucional, reforça a invisibilidade dessa experiência no ambiente universitário, indicando a necessidade de implementação de políticas que promovam maior inclusão, equidade e

permanência estudantil. Felizmente, as recomendações apresentadas pelo Relatório do Grupo de Trabalho da Política Nacional de Permanência Materna nas Instituições de Ensino Superior Brasileiras (Brasil, 2026) corroboram, em âmbito nacional, as reflexões desenvolvidas nesta pesquisa ao evidenciarem a necessidade de fortalecer políticas institucionais específicas para estudantes mães, reforçando a importância de medidas que garantam condições efetivas para que as estudantes mães permaneçam e concluam sua formação acadêmica. Para além de políticas em âmbito nacional, ampliar o debate sobre maternidade no Instituto de Biologia da UFU pode contribuir para a construção de estratégias locais que deem condições mais favoráveis de permanência e conclusão do curso para estudantes mães.

Espera-se que este trabalho ultrapasse o caráter de uma reflexão individual e possa contribuir para o debate acerca da maternidade no contexto universitário. A trajetória relatada demonstra que a conciliação entre maternidade e vida acadêmica é possível, ainda que permeada por desafios complexos. Às mães que desejam permanecer ou ingressar no Ensino Superior, o principal aprendizado que esta narrativa oferece é a importância de reconhecer seus próprios limites, buscar redes de apoio e compreender que a maternidade não invalida o desejo de aprender, mas pode ressignificá-lo e fortalecê-lo. Além de incentivar outras mulheres que vivenciam a maternidade durante a formação acadêmica, busca-se fomentar a reflexão institucional sobre a necessidade de políticas públicas que reconheçam e valorizem a maternidade como parte legítima da trajetória acadêmica de mulheres no Ensino Superior.

Por fim, ao chegar ao final dessa jornada, vejo-me como uma profissional comprometida com uma educação sensível às diferenças, cuja trajetória pessoal atravessa e qualifica sua prática docente, contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais humano, inclusivo e atento às múltiplas dimensões da vida das estudantes.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica no Brasil: da aventura à insubordinação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 9, n. 24, p. e1153, 2024. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2024.v9.n24.e1153. Disponível em: - <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/20502>. Acesso em: 8 jul. 2026.

ALVES, Isabela Baptista. **Ciência e maternidade: desafios e perspectivas para a permanência de mulheres-mães no ensino público superior**. 2019. 138 f. Dissertação (Mestrado em Política Social e Direitos Humanos) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/jspui/848>. Acesso em: 4 abr. 2026.

BISCARO, Ana Paula Pintos Borges; CRESPI, Livia. A identificação da individualidade como potencializador da inclusão na educação básica. In: **Salão De Pesquisa, Extensão e**

Ensino do IFRS, 10., 2025, Bento Gonçalves. Anais [...]. Bento Gonçalves: Instituto Federal do Rio Grande do Sul, 2025. Disponível em: https://eventos.ifrs.edu.br/index.php/Salao_IFRS/10salao/paper/view/21645. Acesso em: 6 jun. 2026.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Programa AURORA: continuidade da trajetória de mães cientistas**. Brasília, DF: CAPES, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/programas-estrategicos/programa-aurora>. Acesso em: 19 maio 2026.

BRASIL. **Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 20 jul. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm. Acesso em: 3 jun. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Relatório do Grupo de Trabalho da Política Nacional de Permanência Materna nas Instituições de Ensino Superior Brasileiras**. Brasília, DF: MEC, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2026/julho/arquivos/relatorio-gt-permanencia-materna.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2026.

CARVALHO, Regiany Alves; CARVALHO, Daniela Franco. Muro das palpitações: um manifesto de mães na universidade. **Revista Mundaú**, n. 15, p. 345-361, 2024. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/17048/12077>. Acesso em: 27 maio 2026.

COSTA, Lara. **Oferta de creche em universidades pode se tornar critério de avaliação do Sinaes**. *Correio Braziliense*, Brasília, 6 abr. 2025. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2025/04/7098478-creche-em-universidades-pode-se-tornar-criterio-de-avaliacao-do-sinaes.html>. Acesso em: 15 jul. 2026.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, n. 1-2, p. 185-195, jan./dez. 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59596/62695>. Acesso em: 18 maio 2026.

DARIO, Andreza dos Santos Oliveira. **Universidade e maternidade: a experiência de mulheres que se tornaram mães durante a graduação**. 2023. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé, 2023. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/29158>. Acesso em: 6 abr. 2026.

DECI, Edward L.; RYAN, Richard M. The “what” and “why” of goal pursuits: human needs and the self-determination of behavior. **Psychological Inquiry**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. 227-268, 2000. DOI: https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1104_01. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/S15327965PLI1104_01. Acesso em: 10 maio 2026.

DIAS, Alice Maria André. **A epilepsia e seus possíveis comprometimentos na aprendizagem**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicopedagogia) –

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em:
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/2493>. Acesso em: 3 fev. 2026.

DUTRA, Natália Gomes dos Reis; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. Assistência estudantil sob múltiplos olhares: a disputa de concepções. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 25, n. 94, p. 148–169, 2017. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/63KjnRwHdxVTTxKwdSmvbwX/?format=html>. Acesso em: 11 jul. 2026.

GUSSI JÚNIOR, Gilberto Luís; RESENDE, Gisele Cristina; FERREIRA, Breno de Oliveira. Exclusão social e resiliência em estudantes universitários. **Educação em Foco**, v. 28, n. 55, p. 1-21, 2025. DOI: <https://doi.org/10.36704/eef.v28i55.8388>. Disponível em:
<https://revista.uemg.br/educacaoemfoco/article/view/8388>. Acesso em: 18 fev. 2026.

MARIANI, Fábio; MATTOS, Magda. Resenha de: CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p. **Revista de Educação Pública**, v. 21, n. 47, p. 663-667, set./dez. 2012. Disponível em:
<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1766/1329>. Acesso em: 29 maio 2026.

MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecília. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, v. 23, n. 51, p. 369-386, 2017. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc.v23i51.8231>. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231>. Acesso em: 12 fev. 2026.

NEPOMUCENO, Lorena; ARAÚJO, Ludmilla Carneiro; CONDÉ, Patrícia Peluso; MARTINS, Adriane. Vivências e desafios de estudantes mães no Ensino Superior: um estudo de caso no UNIFAGOC. **Revista Científica UNIFAGOC – Multidisciplinar**, v. 9, n. 1, p. 91-110, 2024. DOI: <https://doi.org/10.61224/2525-488X.2024.1221>. Disponível em:
<https://revista.unifagoc.edu.br/multidisciplinar/article/view/1221>. Acesso em: 5 mar. 2026.

OLIVEIRA, Tatiana Viana de; SOUZA, Mirian Alves de. Mães na graduação: política e maternidade nas universidades públicas do Brasil. In: **Simpósio Gêneros e Políticas Públicas**, 6., 2020, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2020. p. 1769-1785. DOI: <https://doi.org/10.5433/SGPP.2020v6.p1769>. Disponível em:
<https://anais.uel.br/portal/index.php/SGPP/article/view/1171>. Acesso em: 7 abr. 2026.

PEREIRA, Camila Rafaelle Santiago; BARROSO, Eloísa Pereira. Maternidade e Ensino Superior: o papel da universidade e as estratégias de permanência adotadas pelas estudantes-mães da Universidade de Brasília. **História Oral**, v. 28, n. 3, p. 56-72, set./dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.51880/ho.v28i3.1545>. Disponível em:
<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1545>. Acesso em: 11 maio 2026.

PESSANHA, Larissa Figueiredo. Entre livros e fraldas: dilemas e desafios da maternidade durante a graduação. **Revista de Gestão e Secretariado**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 306-331, 2023. DOI: <https://doi.org/10.7769/gesec.v14i1.1515>. Disponível em:
<https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/1515>. Acesso em: 9 abr. 2026.

SALES, Tiago Amaral; SILVA, Renata Priscila da. “Que horas a gente sai professor/a?”: tornar-se docente nos emaranhados da vida. **Debates em Educação**, v. 17, n. 39, p. e18713,

2025. DOI: 10.28998/2175-6600.2025v17n39pe18713. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/18713>. Acesso em: 11 jul. 2025.

SÁ MALTA, Yêda; TEIXEIRA, Cenidalva Miranda de Sousa; SOARES, Juliana Malta; PASSOS, Késsia Luzia dos; GUIMARÃES, Ana Cristina Mendes. Estratégias lúdicas e socioemocionais como apoio à aprendizagem de estudantes neurodiversos: um relato de experiência. In: **Pesquisas e experiências em educação inclusiva**. [S. l.]: Editora Científica Digital, 2024. p. 261-280. DOI: <https://doi.org/10.37885/240616804>. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/articles/code/240616804>. Acesso em: 27 jan. 2026.

SANTOS, Márcio de Souza; FOURAUX, Carolina Gonçalves da Silva; OLIVEIRA, Valéria Marques de. Narrativa como método de pesquisa. **Revista Valore**, v. 5, ed. esp., p. 37-51, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22408/rev50202040037-51>. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/400>. Acesso em: 24 jan. 2026.

SILVA, Nazilene Oliveira; SOUZA, Daniel Cerdeira. Mães acadêmicas do Ensino Superior: um estudo qualitativo. **Revista Pedagógica**, v. 27, n. 1, e8120, 2025. DOI: <https://doi.org/10.22196/rp.v27i1.8120>. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/8120>. Acesso em: 27 fev. 2026

SILVESTRE, Débora Lameira. **Maternidade e vida acadêmica**: um estudo sobre os desafios enfrentados por estudantes universitárias mães do Campus da UFPA em Castanhal. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2019. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/2222>. Acesso em: 8 abr. 2026.

SOARES, Brenda Vanessa Pereira; DIAS, Marly de Jesus Sá. Creche nas universidades: um debate necessário para o ingresso e permanência de estudantes-mães na graduação. In: **Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, 16., 2018, Vitória. *Anais [...]* Vitória: ABEPSS, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22243>. Acesso em: 31 mar. 2026.

SOUZA, Júlio Cesar Lopes de; TONTINI, Gerson. Apego emocional e confiança na relação professor-aluno: impactos na permanência de estudantes universitários em um contexto pré-pandêmico. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 13, n. 38, p. 522-543, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7807061>. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/1116>. Acesso em: 3 jun. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Resolução CONSEX nº 1, de 30 de abril de 2014. **Regimento Interno dos Restaurantes Universitários da Universidade Federal de Uberlândia**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014. Disponível em: <https://proae.ufu.br/legislacoes/resolucao-consex-ufu-no-01-2014-regimento-interno-dos-rus>. Acesso em: 15 jul. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Resolução CONSEX nº 64, de 11 de abril de 2024. **Regulamenta o Programa Institucional de Creche dos(as) Estudantes (PICE) na Pró-Reitoria de Assistência Estudantil da Universidade Federal de Uberlândia e dá outras providências**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2024. Disponível em:

<https://proae.ufu.br/legislacoes/resolucao-consex-ufu-no-64-2024-programa-institucional-de-creche-dosas-estudantes-pice>. Acesso em: 15 jul. 2026.

VIEIRA, Ailane Costa. **Vivências da maternidade durante a graduação:** uma revisão sistemática. 2018. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2018. Disponível em: <http://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/1080>. Acesso em: 2 abr. 2026.